

Diário de um Par de Olhos

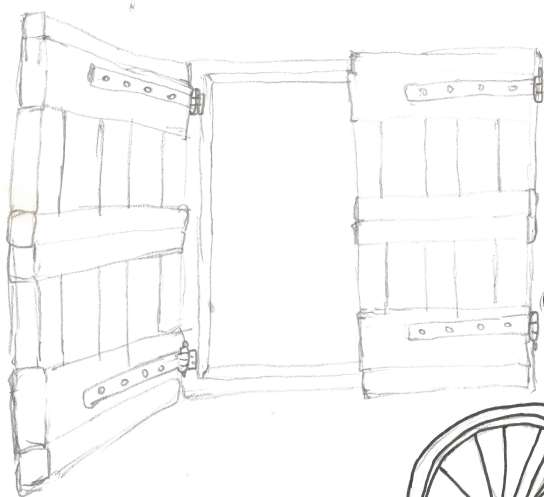
André Santanchè



Instruções de Uso

Ler somente ao final da tarde, quando o vermelho e o amarelo do horizonte se encontrarem com o cinza da noite que se anuncia. Também pode ser lido em dias de chuva.

A minha mãe, o primeiro par de olhos da minha vida.



E se você a encontrasse e se desse conta nos seus olhos que se passaram intermináveis anos. Se você não soubesse mais com que palavras alcançá-la, como uma perda irreparável, naqueles olhos tão velhos em um rosto jovem.

Começa escuro, mas eu não tenho medo. Lembro hoje como em todos os tempos, é uma parte de uma memória antiga, o som da chuva e dos trovões distantes. Eu ainda não tinha nascido, e aquela intimidade com o som do mundo vazio, onde chove, se fundiu comigo, ali dentro, um pouco antes de eu nascer.

A chuva.

Escuro e recolhido, ao som daquela coisa que eu ainda não tinha visto, a chuva, eu quis, como o faria toda a vida, que nunca acabasse e, por isso, demorei a sair.

Desde aquele primeiro dia, eu nunca entenderia o lugar aonde vou parar quando me perco na chuva. A chuva é um país infinito.

O que você está olhando aí, menino? A chuva.

Deixo-me diluir por ela, me torno cinzento. Escondo o sol, resfrio o mundo, transformo as casas e as pessoas.

Foi uma longa noite de trabalho de parto, em que todos estavam extenuados e eu conheceria as duas outras coisas da minha vida.

Primeiro a luz.

Eu nasci nos primeiros raios da manhã, em uma cabana. Fachos de luz entrando pelas frestas; pequenas partículas revoltando neles. Como pode não ser maravilhoso? Eu não chorei. Ele está olhando para a luz, disse a parteira em um sorriso.

A luz.

Ninguém me alertou sobre o mundo que eu encontraria quando comesse a prestar atenção à luz. O seu silêncio, os tons, as sombras, o seu movimento lento pelo dia, a sua chegada, a sua partida. A cabana se transformava no decorrer do dia em mil cabanas. Novas sombras, novas frestas, novos tons.

Havia uma terceira coisa viva que habitava naquele lugar incomum, e mostrou-se diante de mim no meu primeiro dia no mundo.

Os olhos.

Os olhos da minha mãe, o primeiro par de olhos da minha vida. Eu ainda não tinha consciência de que aquela primeira experiência, a intensidade da primeira vez, mudaria a minha vida que mal começava. Nunca mais alcançaria aquele dia de encontro, aquela conexão profunda da primeira vez. Os olhos dela estiveram ali, acompanhando os meus por tanto tempo que eu pude me entregar e me perder neles. Eu ainda não sabia o porquê, mas finalmente encontrara algo que procurava.

Veja como ele tem olhos grandes e escuros! A minha avó também estava ali.

A chuva, a luz, os olhos. Eu entendi o mundo inteiro naquela coisa nova chamada vida. Eu estava tão feliz! E precisaria relembrar outras vezes aquele primeiro momento para entender novamente quem sou eu, afinal.

Mas sempre chegaria aquela hora, em que não haveria mais luz e não haveria mais olhos. Aqueles olhos, o que eu mais queria, também me ensinariam a saudade. A falta e o vazio que a sua ausência plantou em mim se converteu em uma torrente líquida, um estremecimento, um protesto. Não é justo. Não é justo.

Veja, ele está chorando!

Choveu novamente na noite do meu primeiro dia. A chuva que eu nunca entendi e que se fundiu comigo e a

minha saudade.

Nem sempre foi óbvio o quanto sou diferente das outras pessoas. Eventualmente eu me dei conta. Parece estranho como vivi tanto tempo pensando que todos veem o mundo como eu.

As pessoas se divertem quando eu digo que não as reconheço de óculos escuros, porque não consigo ver os olhos. Parece uma invenção. Até mesmo eu acreditei que estava inventando. E talvez esteja.

O doutor apontou aquela luz para o fundo dos meus olhos em uma tarde do dia dois. Não encontrei nenhum problema, ele disse. Ninguém nasce igual para viver neste mundo, completou. Não há duas pessoas que veem o vermelho da mesma maneira. Mas não é isso. Foi assim que ele disse que era coisa da minha cabeça, não dos olhos.

Começa quando acordo e olho para o mundo. Sempre foi assim, desde aquele dia chuvoso. Tudo aparece nítido a minha visão, menos as pessoas. É como se elas estivessem imersas em uma neblina, na qual percebo formas imprecisas, é como se as pessoas estivessem fora de foco, o foco da minha mente. Entretanto, enxergo nitidamente apenas os olhos. As pessoas são, para mim, pares de olhos. Eu nunca percebi que isto era incomum, até aquele dia em que a vi

sentada, de azul.

Todo mundo é diferente, disse o doutor, olhos, ouvido, olfato, paladar, cabeça. Mas todo mundo acredita que vê e sente igual.

A mente em suas ilusões.

Uma vez sonhei que estava em uma prisão e havia apenas uma pequena janela. Dela eu via um pedaço de um jardim – era a única coisa que podia ver em horas, dias, meses e anos. Eu conhecia cada pequena planta e flor, cada pulgão, joaninha, lagarta e aranha e seus tons em cada horário do dia e em cada estação do ano. Havia pessoas que passavam do lado de fora continuamente, e o quê elas eram capazes de ver passando depressa?

Ninguém tem olhos de uma cor somente. Minha íris é contornada em um marrom sóbrio, quase cinza, mas ganha vida e cor no meio, beirando ao amarelo e se decide castanho escuro na parte em que encontra a menina dos olhos. Uma vez visitei uma cidade chamada Toulouse, conhecida como La Ville Rose. Mais do que seus tijolos de terracota, me impressionaram a cor dos olhos, eu nunca tinha visto olhos como aqueles. Seria algum tom de mel?

São raros os momentos que as pessoas me deixam fitar

em seus olhos. Devo ser breve e discreto. A cada olhar, seu segredo.

Os olhos mudam. Mudam de repente, ou durante o dia, ou no transcorrer da vida. Mudam de intensidade, de brilho e de cor. Não será um truque da luz, quando eu vejo olhos pela tarde que não são os mesmos da manhã?

Não tive muitos problemas em reconhecer as pessoas na minha infância. As crianças olhavam nos meus olhos porque ainda não tinham aprendido direito a viver entre os adultos. Os adultos eram um mundo alienígena para nós crianças.

Ontem à noite ao me deitar, ouvi um rugido longo, o trovão no horizonte, e pensei, estou seguro novamente. Há poucas coisas que me lembro da minha infância, como aquela segurança de ver a chuva de dentro de casa. Recolho-me atrás da janela dos olhos e me encosto na ternura do coração, para contemplar esse mundo improvável.

Aos cinco anos, comecei a entender que há alguma coisa além dos olhos naquela neblina. Estava entretido com aquele horário do dia em a luz atravessava os tijolos vazados da área de serviço e projetava retângulos luminosos no piso amplo e branco.

Foi aquela amiga dos meus pais que veio visitar-nos e

talvez estivesse sorrindo para mim. Eu já tinha aprendido a interpretar aquele tom de voz, que devia significar festa e alegria. Aquela coisa de apertar bochechas e dizer, como ele cresceu. Mas os seus olhos traziam uma tristeza profunda, e eu não conseguia deixar de olhá-los e estranhá-los. Talvez o mundo não fosse sobre olhos afinal.

O que a criança tem, está triste hoje?

Eu não estava triste.

Mas então, aconteceu pela primeira vez aquela coisa. Ela olhou de novo bem nos meus olhos, devagar, e olhar os seus olhos apagava o resto do mundo e das pessoas. Eles eram escuros e doces, mas estavam tristes. Seus olhos entenderam os meus, eles sabiam o que eu estava vendo.

Aos meus cinco anos aquilo parecia mais interessante que o carrinho novo e o balão verde. Havia aquela beleza insondável nos olhos tristes.

Mais tarde ela me olhou novamente naquele nosso mundo paralelo. Fui ao jardim e lhe trouxe uma flor. Era o máximo que a minha compreensão alcançava então. Seus olhos gradativamente mudaram para uma ternura e uma lágrima surgiu. A tristeza continuava ali, mas agora transbordava e me acolhia. Não soube como lhe dar um sorriso, então lhe dei um abraço.

Havia coisas que eu tinha que aprender a distinguir na neblina.

Na minha infância fiz algumas empreitadas para entender o que estava acontecendo. Meu tio lembra das conversas que tivemos quando eu era uma criança de oito anos. Enquanto seus colegas pensavam em brinquedos e heróis, você levava o mundo muito a sério, me disse.

Sempre chove em meus sonhos de agosto. Eu procuro algo. Ando pela cidade e não vejo pessoas. Tento me lembrar pelo que procuro e parece que a chuva é o motivo.

De manhã, a lembrança do sonho me deu uma sensação de que algo profundo se passara. Revirei na cama, hora de levantar, mas fico ali, remoendo as tarefas do dia. Relembro a primeira vez que sonhei com a chuva. Foi num agosto quando entendi de uma forma completa que era homem. E queria ser homem. Eu a vi sentada de azul no banco da praça à espera de algo ou de alguém. Pela primeira vez eu não reconheci seus olhos. Ganharam aquela melancolia envelhecida dos adultos. Estavam perdidos em algum lugar distante, ao qual eu não pertencia nem pertenceria jamais. Seu olhar mais encantador. E mesmo a conhecendo desde a infância, pela primeira vez a reconhecia como mulher. Um olhar de mulher. Naquele dia senti uma angústia que não soube explicar, uma tristeza. E por que

queria estar com ela, mas uma força me envergonhava e me lançava para longe?

Ela fora minha amiga desde sempre. A primeira menina que conheci de verdade. Um olhar sereno, honesto e vivaz. Gostava daquelas cores de vermelho, rosa e salmão, mas também alguns azuis, que por alguma arte sua combinavam com as outras. Tinha cadernos com frases e desenhos. Não penteava os cabelos longos, que pareciam sempre belos. Gostava de flores vivas. Olhava-me com olhos de encanto diante daquela rosa de duas cores, me convidava a participar da festa dos seus olhos. Podia ser a flor, a lua, o ninho, a poesia.

Com olhos que cativam, perguntava-me se seríamos amigos eternos. Seríamos, eu pensava, mas nunca falei sobre estas coisas. Nunca achei que era algo a se falar, nunca achei que aqueles olhares tão nossos pudessem se perder na poeira do mundo e que eu deveria ter guardado cada um deles. Tempos de coração aberto sem limites, sem horários de visita; tudo meu era também dela.

Amizade de cumplicidade de olhares, sorrisos secretos e projetos. Aprenderíamos a colher cogumelos e preparar receitas exóticas, a pilotar balões e escrever histórias de terror.

Não pensei que seríamos amigos quando a conheci, naquele primeiro dia. Aquela era a rua em que eu nasci e de

onde conheci o mundo desde então. Eu poderia falar-lhe de cada jatobá, ipê e oiti, de cada paralelepípedo mal encaixado, naquele dia em que ela chegou. Poderia dizer-lhe a hora exata, porque era justamente quando as sombras das folhas alcançavam o banco do outro lado da rua, perto da entrada da nova casa dela.

Ela tinha oito anos como eu e, enquanto seus pais descarregavam as bagagens de uma longa viagem, ela ficou ali fascinada com as sombras das folhas recortadas por faixas de luz.

A luz.

Eu nunca tinha visto olhos como aqueles. Que cor era aquela? Perfeitamente redondos e amendoados quando ela se aproximava suave, com aquela inquietude feminina. De um mel claro e vívido nos dias em que ela subia na árvore mais rápido do que todos. Castanhos emanando um brilho próprio quando saía com a sua bicicleta vermelha no final da tarde. Indecifráveis naquele dia em que ela estava sentada de azul à espera.

Um dia, alguns anos depois da sua chegada, eu e ela estávamos no gramado e o sol estava se pondo. Tínhamo-nos habituado a conversar longamente. Com olhos misteriosos, ela sussurrou uma confidência só para mim. Era doce aquela intimidade de trocar confidências. Construíamos paredes

invisíveis em nosso mundo paralelo.

A mãe dela tinha entendido algo. Ela era capaz de ler-nos os pensamentos pelos olhos. Olhos tristes ou ansiosos, com sede ou curiosos. Sua mãe entortava a boca formando aquela covinha e me trazia um refresco antes que eu lhe pedisse. Um tempo em que tudo parecia eterno.

Ela me convidava para estudarmos juntos e assistíamos filmes em dias de chuva. Eu lembraria por toda a minha vida seus olhos cálidos e acolhedores, naquela ternura íntima dos dias de chuva. A última memória que se diluirá em meus olhos no dia da minha morte, quando tiver que me entregar àquela força que me consumirá cada pedaço de dentro.

Mas houve aquele dia em que a vi sentada de azul à espera, e entendi que seus olhos tinham uma tristeza nova.

A luz tinha aquela serenidade das cinco da tarde, cujos fachos suaves entre as folhas já se entregavam às sombras discretas, desvelando o mundo recolhido aos olhos atentos. Suas mãos estavam postas uma sobre a outra no colo. Sua pele cor de oliva e a suave penugem em seu rosto. Como se eu emergisse de um sono profundo, pela primeira vez em minha vida, eu a via. Pela primeira vez, desde o dia chuvoso em que cheguei ao mundo, e que conheci a luz e os olhos, desde este dia, eu via alguém por inteiro.

Meus olhos seguiam o contorno do seu nariz e a leve

curva que fazia para a boca. Aquele matiz bronzeado pelo sol combinava com os olhos que estavam, naquele momento, perdidos em outro mundo. Algo começou a se mexer dentro de mim. Senti um alvoroço, uma coisa queria me dominar. Estava assustado. Eu não sabia onde aquilo cabia dentro de mim. Eu queria dizer a ela algo diferente. Palavras fortes cresciam, queria estar próximo dela e dizer-lhe. Estar próximo dela, eu nunca pensara naquilo. As palavras empurravam o sangue com força.

Saí imediatamente dali, me digladiando com aquela coisa selvagem lá dentro. Pelo resto da minha vida repassaria e repassaria aquele encontro. No começo, todos os dias e depois menos e menos, para que eu tivesse paz e vivesse. Em meus pensamentos, eu retornava àquela praça e a via no banco sentada de azul, mas não recuava. Ia em sua direção para lhe falar.

Por que, por mais que tivesse crescido e conhecido garotas, por que retornava em minha memória àquele lugar como aquela criança, que desabrochava, e era apenas a ela que queria ter dito, apenas a ela naquele dia?

Repetia e aprimorava aquele dia. Sentava-me ao seu lado, encontrava seus olhos de mel, amendoados, castanhos e dizia, há algo que me doeu quando eu te vi. E ela me sorria. Conversaríamos como naquele dia ao por do sol ou

na intimidade de sua casa em um dia de chuva. Eu não fugiria naquele dia em que ela estava de azul. Qualquer palavra dela aplacaria aquela angústia nova.

Na noite em que fugira tinha tudo aquilo junto em mim. Aquela atribulação inquieta, que queria me dizer algo. Nunca tinha notado aquela fúria que despertava ao leve toque. Entendia o mundo todo novamente agora. Dormi profundamente, de madrugada, exausto e entregue. Sonhei pela primeira vez com a chuva e com algo que procurava.

Na tarde daquele dia, a mãe dela me viu rondando perdido em frente a sua casa. Sua mãe saiu, olhou-me profundamente nos olhos e me deu um abraço longo, o último. Tudo estava ali, em seus olhos embaçados com lágrimas.

Há tardes como esta em que a minha ternura se espalha por todos os lados. E eu tenho a impressão de que ninguém será capaz de perceber como eu. Quando o trovão anuncia a chuva próxima e eu me despeço. Eu gostaria que alguém entendesse esse mundo como eu.

Os trovões rugem distantes e você pensa como o mundo é grande. Eu não sabia que se aprendia o silêncio. O silêncio fora e o silêncio dentro. Como eu gosto do mundo!

Faço de conta que você está ao meu lado em silêncio, porque não vale a pena viver, não vale a pena tanto, sem alguém para compartilhar. Tenho estes dois rochedos que avançam sobre o mar, os quais visito aos finais de tarde. Neles eu sinto o mundo.

Na faculdade tentei aprender a ser gente. Apesar de termos estado juntos por quase um semestre, mal nos conhecíamos. Aquele começo parecia uma corrida de cavalos. Após uma competição acirrada para ingressar, nos colocaram cabeça ao lado de cabeça, e havia aquela coisa de não ficar para trás. A sala era um deserto de olhos silenciosos prestando atenção.

Eu sempre achei que a minha professora de matemática entendia o que se passava comigo. Uma senhora rigorosa que tinha, no entanto, olhos cinzentos e plácidos. Olhos que jamais desviaram do meu olhar. Podia olhá-la por toda a aula e seus olhos me recebiam. A serenidade de uma vida. Mais do que ser um bom aluno, mais do que um profissional bem-sucedido, eu queria ter um dia aquele olhar.

E foi ela que entendeu aos meus dezenove anos que uma tempestade me sacudia por dentro. Ao final da aula, pegou no meu ombro para dizer, descanse apenas, isto não se resolverá nem hoje, nem amanhã.

Como é difícil ser gente.

Lembro daquela tarde memorável em que deveríamos assistir aula e decidimos todos nos rebelar e ir a algum lugar para comermos e conversarmos. Uma grande transgressão para aquela minha turma de bons meninos aplicados.

Eu estava excitado como todos. Ali, todos sentados em uma grande mesa conversando efusivamente. Na neblina dos rostos, os olhos não me olhavam. Ninguém nunca me explicou o que se faz na vida quando não se está olhando nos olhos.

No silêncio dos olhos eu fui perdendo tudo. Em alamedas iguais as pessoas se confundem, as palavras se confundem. Os olhos dos outros aprenderam a não se fixar. Escorregam volúveis aqui e ali.

A chuva me abraçou de volta naquele dia. Foi quando eu aprendi que caminhar na chuva me devolveria a mim mesmo.

Sinto saudades de mim e das pessoas quando estou com elas, disse uma vez para a minha mãe.

Fui me tornando um estranho. Não conseguia perceber gordos ou magros, roupas diferentes, maquiagens, penteados. Sem ver os olhos eu era incapaz de reconhecer alguém.

Viver a minha vida foi uma coisa que aprendi a fazer com os outros. Tornar-me adulto parecia ser ingressar naquele mundo, que comecei a perceber aos cinco anos de idade e do qual finalmente me dava conta. Era como fazer exatamente o contrário, não olhar para os olhos. Pode-se atuar nesta vida.

Comecei a me tornar uma estória que eu mesmo me contava e contava aos outros. Parece estranho no começo, seus pensamentos se acostumaram a abandonar o olhar. Você aprende a sorrir quando não está sorrindo e tudo corre bem, se alguém não estiver olhando para os seus olhos.

A chuva ainda não chegou. Anuncia-se em trovões perdidos ao longe e seu vento inquieto, enquanto o mundo descansa em silêncio, sem cães que ladram e pessoas que andam pelas ruas.

Lembrei daquela tarde em casa, quando era uma criança e não fui para a escola por alguma febre boba. Olhando a chuva pela janela, tentava entender como aquela cortina misteriosa me recolhia no mundo mágico da minha casa. Tudo se tornava possível. Os meus sonhos e a ternura estavam recolhidos no calor da sala e condenados como eu a estar ali, protegidos da chuva.

Foi assim que eu entendi, naquele dia, de onde vinha a

minha tristeza.

Estou levando muito tempo para aprender a viver neste mundo, mais tempo que as pessoas comuns. Talvez eu tenha entendido a vida ao contrário desde o começo.

Tornei-me um mestre em criar. Cantar músicas que nunca cantei, subir picos inalcançáveis, ser herói, sedutor, sábio, agente, voraz, escritor, genial, inventor, piloto, navegador. Tive um barco no qual eu podia alcançar ilhas desertas no oceano. Consegui voar, mergulhar em abismos e respirar com minhas guelras; enfrentei guerras, fui clonado, preso, espancado, injustiçado, perdoado. Criei máquinas de voar, de navegar, mergulhar, teletransportar.

Começou assim. Fui ficando bom nas minhas histórias e por que não me tornar a minha própria história? Em casa, na escola, no trabalho. Porque não me contar aquela história em que eu sou bom, belo, herói, com os colegas, amigos, vizinhos?

Virei um piano tocando a música mais bela numa sala sem ninguém.

Um final de tarde, percebi que a minha visão também estava ofuscando o horizonte. Não conseguia mais me sentir o mundo no meu par de rochedos avançando sobre o mar.

Não me deixava perder no murmúrio das ondas ao final da tarde. Tinha-me tornado tanto daquelas estórias que criei para mim! Passei a sentir saudades do mundo.

Ainda estava escuro quando o dia me acordou e eu nem sei por quê. Tornar-me cego trazia um gosto amargo de solidão.

A minha mãe me olhou fundo nos olhos e entendeu. Abraçou-me longamente sem palavras. Mais tarde ela me encontrou sentado e perdido em pensamentos distantes para me dizer: você vai sofrer.

Houve um tempo em que eu sentia pena daquele homem em uma cabana. Eu tive que viver este tanto para me sentar ao seu lado naquele dia de chuva e entender que naquela cabana havia mais vida que na minha casa vazia.

Eu deixei ele me olhar nos olhos e me perguntar como você está.

Ele estava sentado ali quando eu cheguei, e também gostava de ver a chuva. Como pôde começar assim aquela amizade? A chuva e nós dois ali.

Há pessoas que talvez não se devesse conhecer, porque elas traduzem a saudade. Sempre quis compartilhar o mundo como naquele dia, e estávamos apenas vendo a

chuva em silêncio.

Há amizades tão raras e incompreensíveis que desconhecem a morte, mas não deviam. Foi em outubro. Foi rápido.

Andávamos na chuva serena numa manhã escura. Eu vou morrer logo, ele disse. Mas ele não queria morrer.

As salas brancas do hospital não têm piedade, nem esperam que eu encontre nelas alguma justiça. Amanheci na cadeira ao lado da sua cama. A luz vai chegando devagar, primeiro no parapeito da janela, depois na sua mão já magra.

Sobraram-lhe apenas os olhos, ali, fazendo sentido. Familiares e conhecidos ocupados entravam e saíam, falando de curas e redenções, sem olhar para os seus olhos. Estaria ali um incapaz, um descrente, um pobre coitado, de quem alguma força suprema se apiedará e lhe trará conforto e sentido para o sofrimento.

Ele deixava apenas que falassem com aquela pessoa sem olhos e saíssem pedindo desculpas por sua vida corrida e compromissos. Seus olhos me perguntavam, por que eu tenho que morrer assim?

No último dia, dei-lhe um longo abraço. Trouxe-lhe cada um dos seus velhos amigos. Abraços, silêncio e olhares. Nossos olhos como uma mão que segurava a dele para

acompanhá-lo para o escuro. Ele entendeu que era hora de morrer.

Foi por falta de generosidade e coragem que meu espírito foi envelhecendo. Eu falei demais, pensei demais, girei demais em preconceitos, medos, saudades, verdades, decepções. Esta vida dentro de mim. Eu percebi naquele dia em que o ouvi falando um daqueles discursos de coisas do mundo, problemas do mundo, soluções para o mundo. Aquilo apenas me cansava, como um martelo batendo de novo.

Quase nunca tive medo de olhar nos olhos.

Aquela foto foi tirada ao acaso no colégio e capturou meu olhar pleno de sonhos. O mais secreto, mais íntimo. Guardei-o para mim por toda a vida e descobri ali por acaso. Quem será você? me pergunto do passado. A pergunta da minha vida.

Ah esta vida de olhares!

Os olhos suaves e os perdidos; os derrotados e os que flutuam. Os olhos que escondem a alma; disfarçam o medo; transportam o coração. Abrem sorrisos; cativam sem resistência; cortam afiados; esfriam sem dó; tiram a esperança; ferem mortalmente. Aqueles que desviam

embaraçados, não sabem onde pousar. Tornam-se grandes, doces, vorazes, gentis. Os olhos dela ferozes como um tornado. Olhos que chegam devagar, entram em silêncio, esperam; aqueles que desarrumam por dentro; perguntam o que não tem resposta; tiram a paz. Olhos pacíficos, olhos de guerra, olhos que pedem perdão. Olhos que não olham; olhos que compreendem; olhos que acolhem. Os olhos de um amigo. Olhos que seduzem suavemente; olhos que pedem, olhos que dão. Olhos que lhe procuram depois de uma noite escura da alma.

Como eu posso lhe contar tudo isso dentro de mim, toda esta vida por detrás dos olhos? Talvez você queira me acompanhar em uma viagem de trem.

Toda vez que penso na minha vida há esta estação. Chove muito quando chegamos. Pessoas com casacos escuros mergulhadas naquela paz solitária, na vida de passagem, entre o frio e o vento. Olhos perdidos em pensamentos distantes, exceto os daquele menino. Seus olhos grandes e negros seguiam os meus naquele nosso lugar abstrato.

Algumas vezes eu tinha a impressão que conseguia entender uma pessoa inteira olhando-lhe apenas uma vez nos olhos. Como aquela menininha com olhos tenazes, que

enfrentam o mundo com seu poder de criação; olhos inquietos, insatisfeitos, vorazes.

Sentei na calçada em frente à minha casa no final da tarde. Eu estava cansado. Havia aquela menininha em frente ao meu portão. Move os braços e anda em seu espaço imaginário. Olha embaixo do carro onde está o seu coelho. Assume um ar severo e dá conselhos à Joaninha.

Ela tem nome? A joaninha?

É Augusta.

Seus olhos reais e imaginários me levam para dentro da sua estória, onde ela está reconciliando Augusta com Péricles e me pede que lhe passe o presente.

É esse do seu lado.

Essas folhas trançadas?

É uma cesta de segredos.

Ah sim, uma cesta de segredos.

Cesta de segredos.

E seus olhos me acolheram em seu mundo como um velho amigo, eu, Augusta e Péricles ficamos ali toda a tarde. Seus olhos encantados, suaves e doces tornavam aquela a tarde mais real da minha vida. Fui o garçom, o marido da Augusta, o pato, o capitão, o vizinho do Péricles, o monstro

bom da montanha.

Tive que reaprender ali a contar as histórias da minha vida.

O trem não espera, e a vida segue na chuva.

Abre-se o sol em campinas longínquas. Os fachos atravessam a janela e os grãos de poeira rodopiam em frente àquela senhora com olhos severos de segunda-feira.

Levo meu olhar para fora, onde se vão as últimas casas e as pessoas com relógio. Para as cidades da minha vida, de manhã, de tarde, de noite.

Uma vez eu saí a esmo, buscava olhos. Os olhos confinados no trem são como aqueles do elevador. Fui olhando pela janela cada pequena cidade que passava. Faz sentido andar de trem, aqueles trilhos levando-me a algum lugar.

Desci naquela cidade porque conseguia ver a sua praça. Andei por uma alameda com um mosaico de sombras das árvores copadas; queria ter vivido aqui toda a minha vida.

Antes que eu chegasse em algum lugar, contornei as grades de um cemitério e ela, que seguia a procissão de um funeral, me olhou nos olhos e se deixou ficar neles. Acolhi

uma tristeza sem tamanho e me deixei ficar naquele abismo. Pude, por fim, entrar e sentar-me num banco próximo ao enterro. Ela se sentou em um banco à minha frente, sozinha.

Eu me mantive com ela no abismo e nem sei porquê. Aquele par de olhos que eu não conhecia e que me disseram naquela tarde mais do que ela teria dito para a maioria em toda a sua vida. Uma lágrima desceu dos meus olhos, ainda fixos nos seus. Quem era ela que me dava tudo no silêncio?

Eu quis tê-la conhecido naquela alameda por toda a vida. Eu quis tanta coisa no longo silêncio dos nossos olhos enquanto eu me perdia nela e ela em mim.

Não sei quanto tempo se passou. Uma vida inteira naquele tempo plástico do olhar. Até que ela se levantou e se foi em silêncio. Sem que eu soubesse seu nome ou endereço.

Hora de voltar, antes que a noite e as belas luminárias daquela cidade me capturassem para sempre.

Nunca é possível chorar o suficiente por certos caminhos. Há verdades tão atrozes e há cantos tão solitários no mundo que são capazes de apagar a sua visão e de partir a sua alma ao meio.

Eu ando, vivo, danço entre olhos. Olhos iguais, olhos arrogantes, olhos falsos, olhos cruéis, olhos indiferentes,

olhos alegres, olhos sinceros. Olhos de um amigo.

Os olhos de um amigo são pacíficos e acolhedores, como um porto na noite escura. Não há nada que se pareça com eles. E não é porque eles tenham alguma resposta, não é porque carreguem alguma luz, é apenas porque são os olhos do seu amigo. Aquele que você escolheu entre todos, e que o reconhecem na ruidosa multidão e fazem com você silêncio. São os últimos olhos que gostaria de ver na minha morte.

E é possível que a vida não faça sentido mesmo. E que estejamos entregues a este mundo perigoso, regido por leis arbitrárias, comportando-nos como animais. Pode ser que a ciência explique cada ato meu e que eu não seja nada mais que um produto efêmero de um bando de moléculas, que inevitavelmente vão apenas se esfriando.

Não adiantarão desculpas, não adiantará que eu me esconda. Encarar a vida assim dói muito. Mas há os olhos de meu amigo, aquele que encontro sem respostas e com que compartilho tudo e tanto! Aquele que está perdido como eu neste mundo selvagem. Então finalmente eu olho para ele com aquela enorme interrogação, para apenas dizer: estamos perdidos!

E nesse momento, a amizade torna-se um mundo paralelo inexplicável, onde tudo faz apenas o seu sentido. E estamos prontos para enfrentar o mundo e suas leis mais

estranhas e arbitrárias, estamos prontos para morrer felizes, porque estamos com um amigo.

Serenamente vai chegando a última estação. Devagar, eu vou me deixar diluir pela chuva como um esquecimento. Amanhã, eu acordarei para fazer de conta que sou normal.

Termina como começa, a luz, a chuva e os olhos. Mas é uma luz de final de tarde, a única que guarda segredos. Daqui das minhas duas pedras posso ver de novo o mundo, posso lhe falar da luz que se espalha neste meu mundo particular. Ela mistura vermelho e amarelo do sol que vai se tornando antigo, mas é sobretudo terna e cinzenta como a chuva suave.

Hoje sei que devo terminar a jornada sem que me entendam o olhar.

Tantos olhares fizeram a minha vida. Visitei lugares imponentes, quentes e frios. Para me lembrar do olhar daquela ciclista francesa vestida de vermelho em um dia cinzento de inverno, e do olhar altivo da mãe no metrô, que ensinava ao seu filho a ser espanhol, ou do olhar cansado do mundo daquela senhora suíça em um ônibus.

Descobri que se olha nos olhos no café que encontrei por acaso em uma pequena cidade alemã, onde há *strudel* e

cadeiras brancas em uma pequena varanda em que se vê o bosque, e onde pessoas o cumprimentam mesmo sem saber falar a sua língua. Pessoas que ficam felizes porque você veio de um lugar longínquo e está ali, naquela cidade que ninguém conhece, passando de bicicleta.

Tantos olhares conheci, e por que terei que morrer um dia assim, tão pleno de gente? Se a morte me conhecesse, só lhe diria, deixe-me dar-lhe todos estes olhares, porque eles não caberão em mim quando eu morrer. É como se fosse impossível morrer de tanta saudade deles.

Hoje entendi o maior dos mistérios que me acompanha desde que eu nasci, uma resposta que aperta o coração. Sou uma saudade indecifrável, uma língua que não se traduz, um olhar com defeito, condenado a mendigar por olhos para compartilhar um quinhão de vida.

O vento inquieto do mar me acolhe como a chuva. Espero que esteja chovendo no dia em que eu morrer, para que eu retorne àquela intimidade com o mundo do meu primeiro dia e me entregue em paz, mas sempre com saudade.

Este trabalho está licenciado sob a Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional Creative Commons. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/> ou mande uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

